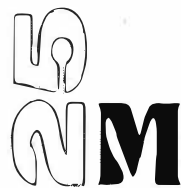
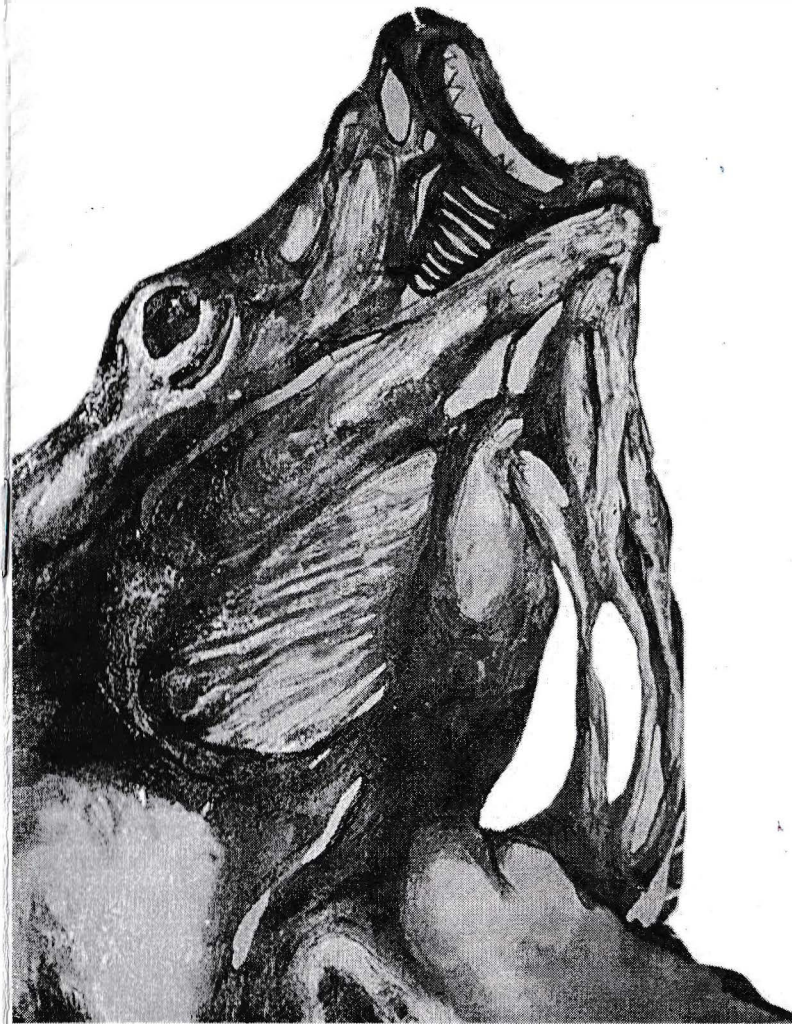


# ATO

25.06 a 9.07

16h às 20h

JULIA GALLO  
MARINA WOISKY



Av. São Luís, 187- República | Piso 2 - Sala 25  
São Paulo

[www.25m.art.br](http://www.25m.art.br) | [info@25m.art.br](mailto:info@25m.art.br)  
[@25msaladeprojetos](https://twitter.com/25msaladeprojetos)





**Ato – Conversa com Julia Gallo e Marina Woisky**  
**Por Ana Paula Cohen**

**Ana Paula Cohen:** Gostaria de começar perguntando sobre o espaço do projeto 25M.

**Marina Woisky:** O 25M é um espaço expositivo, de 25 metros quadrados, na galeria Metrópole, no centro de São Paulo. Há algo de peculiar em expor em um lugar com vitrines ao invés de paredes.

Quando eu e a Julia fomos no espaço pela primeira vez, pensamos nos trabalhos que poderiam estar na exposição e comentamos sobre uma iluminação específica para criar um ambiente teatral que fosse de encontro com afinidades que já existem entre nossos trabalhos.

**APC:** Essa era minha próxima pergunta, sobre o que as levou a pensar num projeto juntas.

**Julia Gallo:** Eu lembro de encontrar a Marina em um ateliê aberto. Falamos das afinidades dos trabalhos mesmo que partíssemos de lugares tão diferentes: eu do desenho e a Marina das pesquisas em acervos e da impressão de imagens. Eu fui visitar o ateliê dela, ela veio no meu. E aí a gente foi se aproximando e fez sentido tocar algum projeto juntas.

**APC:** E a relação do trabalho de cada uma de vocês com o espaço desta exposição?

**JG:** Pensamos na possibilidade de desligar algumas luzes da galeria e concentrar luzes internas no espaço. Acredito que isso vai potencializar uma esfera teatral que tem nos dois trabalhos, além de ser necessário para que a sombra do meu trabalho se faça visível. No inverno escurece cedo, e a galeria fica aberta quando já está escuro.

Nós estamos pensando em chamar a exposição de ATO, pela dimensão teatral. O meu trabalho é uma pintura feita em material translúcido, cuja sombra é projetada no espaço. Quando a noite se aproximar, a sombra ficará cada vez mais forte.



25m é um espaço independente dedicado a experimentações no campo da arte contemporânea.

O projeto ocupa uma sala de 25 metros quadrados na Galeria Metrópole, complexo comercial de relevância histórica, localizado no centro de São Paulo.

No ciclo de 2022, cada artista convidado(a) estende o convite a uma segunda pessoa, com quem estabelece um diálogo através de sua intervenção.

O espaço privilegia projetos coletivos, de caráter experimental, que promovem a interlocução entre agentes culturais diversos, bem como com o público geral que habita e transita pela região.

**MW:** Eu fiz três trabalhos para essa exposição. Um deles é de chão e ficará no “centro” do espaço. Ele é composto por tiras de pelúcia em formato circular. Em cima de cada uma delas tem cabeças de urso com a boca aberta. O segundo trabalho é um arco do tamanho da vitrine que será fixado do lado de fora dela, como se estivesse emergindo dali, apesar de ser um elemento estranho ao 25M. O terceiro é um ornamento arquitetônico de parede. Todos se relacionam de maneira arquitetônica com a sala.

**APC:** Marina, você se apropria de fragmentos de arquitetura de outros tempos, quase como se recortasse e colasse de uma imagem para outra, mas faz isso diretamente na matéria, escolhe um arco de uma igreja de São Paulo e o refaz em outra técnica, em outro material, sem preocupação de representar o original, e insere em outra situação, relacionado agora ao espaço da vitrine na Galeria MetrÓpole.

Há um movimento de recorte, apropriação, repetição, deslocamento, que me faz pensar na arte pop. No caso dos seus trabalhos, não é apenas relacionado à imagem, mas a objetos, espaços arquitetônicos, especialmente elementos decorativos que podem estar entre a arquitetura, o design, a moda.

Talvez o que haja de teatral no seu trabalho seja a forma de montagem desses elementos no espaço expositivo. Depois de se apropriar de detalhes “recortados” da arquitetura, do design, da moda, cada um deles passa a operar como personagem de uma certa narrativa. Um botão de urso de uma roupa é agigantado e decora um espiral de pelúcia, que remete a um tapete de urso com muitas cabeças... E a bestialidade desses seres, a estranheza de seus corpos arrancados dos contextos originais, talvez nesse sentido seus personagens se cruzem com os da Julia...

**MW:** A imagem de arco vem de uma igreja no centro de São Paulo, um passado arquitetônico “preservado” da cidade. Descobri esse arco passando de ônibus. Facilitou pela altura que eu estava em relação à rua, ter reparado nesse ornamento. São cachos de uva, feitos em pedra: algo “mole” feito em um material “sólido”. As frutas estão ligadas a um simbolismo de fartura.

**JG:** Eu gosto de pensar em uma criação de anatomia no meu trabalho. Algo ficcional e inventado que o desenho permite que passe a existir. Tem algo do absurdo, mas eu tento fugir do onírico. Por isso gosto de pensar o teatro: mais relacionado ao absurdo no espaço terreno...

**APC:** Talvez não seja apenas o desenho, Julia, mas sua forma de desenhar seguindo uma certa anatomia dos corpos faz com que eles voltem ao mundo da matéria, a esse espaço terreno a que você se refere.

**JG:** Sim, também pela prática do desenho de observação. Tem algo mais matérico e pesado nos desenhos de observação, que acaba surgindo por mais que as imagens sejam inventadas.

**APC:** E há todo um repertório de monstros, seres de mundos distantes que existem num imaginário de diferentes épocas, nas mitologias, na criação de mundos fantásticos, mas, como você bem diz, não oníricos, pois não são etéreos ou descolados do mundo da matéria, tem peso, tem corpo, e passam a habitar nosso mundo, uma vez que você os cria e os materializa nos desenhos.

Nesse sentido, esses novos trabalhos me parecem lidar com os limiares entre a luz e a sombra, o peso e a leveza, o sólido, escultórico, e o bidimensional, suspenso no ar, leve como uma pipa, mas cuja imagem traz a sensação de pesar como uma rocha, como um corpo afundando na lama. E ainda que a iluminação seja parte da obra, ela nos leva de volta ao mundo das sombras. Uma sombra com volume, com áreas de luz, por ser de um corpo translúcido... parece que seus personagens se movimentam o tempo todo, indo de um extremo a outro.

Estou pensando também no trabalho “Animais no jardim” (2021), da Marina, e na estranheza daquelas cabeças de cavalo e do boizinho desmaiado numa coluna, todos almofadados e bidimensionalizados, criando uma narrativa no canto de uma sala com paredes brancas...



**JG:** Gosto de pensar como o trabalho em acervos e coleções da Marina alimenta a prática artística dela...

**MW:** Sim, meu trabalho em acervo é bem importante para meu trabalho artístico. Tem uma dimensão da minha obra que está na origem do trabalho do acervo: o toque. Eu encosto em tudo, há algo na materialidade das coisas que parece me convidar a tocar.

**APC:** E enquanto o trabalho da Marina de catalogação em acervos de objetos históricos alimenta a produção artística dela de forma direta e consciente, os da Julia parecem vir de um imaginário que também pertence a um outro tempo... talvez aí esteja mais um cruzamento entre os trabalhos de vocês... Eu acesso outros mundos e outros tempos em ambos os casos, ainda que os dois trabalhos ocupem espaço na matéria e diante do meu corpo, no espaço real.

**JG:** Sim... acho que tem essa confusão de temporalidades no meu. Até porque eu aprendi a desenhar copiando artistas da renascença.

**APC:** Quais eram tuas referências?

**JG:** Eu copiava o Leonardo [da Vinci] e o Michelangelo... quando eu era criança, o meu sonho era desenhar como eles. Depois fui descobrindo a pintura com o Goya, el Greco, e entendi que o desenho também permitia aqueles gestos. Em termos de imagem, para mim a referência eram os renascentistas. Mas o teatro e mitologia grega também eram muito presentes.

**APC:** A referência ao teatro para falar de afinidades entre o trabalho de vocês nem sempre me convence, por pensar que na maioria das vezes o teatro trata de representação. Mas partindo do nome da exposição "Ato", é possível pensarmos num campo imanente do teatro. O ato que se dá no tempo presente e no espaço real, em público.

**MW:** Eu gosto de pensar que os trabalhos da Julia vêm de olhares para a arquitetura também, gárgulas, cariátides...

**APC:** Marina, você trabalha em acervos de épocas específicas, é especialista em algum período? Talvez vocês duas atualizem no mundo da matéria personagens de outros tempos...

**MW:** Eu já fiz um pouco de tudo. Já trabalhei em acervos contemporâneos e antigos. Não sou especialista em nenhum tempo, procuro sempre entender o colecionismo no Brasil. É interessante que em vários desses acervos, há peças de um mesmo período, de um mesmo lugar e compradas em uma mesma época.

**APC:** O que você faz, cataloga? Ou cuida também da preservação e restauração?

**MW:** Eu faço catalogação, que é o contato físico com o objeto, e o inventário no banco de dados. Não faço restauração, acho muita responsabilidade restaurar peças históricas. Você tem que decidir se tira um fungo e preserva a obra por mais tempo, apagando uma camada da história, ou se deixa ela como está, correndo o risco de se degradar ainda mais.

**APC:** Mas no seu trabalho como artista, você escolhe uma dessas camadas históricas e traz para o presente, aumentando, modificando, repetindo, em outro material... geralmente um material que atrai pela taticidade, que parece ser confortável como uma almofada, mas é duro como pedra...

**MW:** Sim. Me sinto mais confortável em mexer, distorcer, transformar, recortar uma imagem do objeto do que ele mesmo.

**APC:** Retomando esse cruzamento entre os seres que vocês criam... As duas se interessam por animais, híbridos de diferentes seres, de diferentes tempos, mas que tem referência num imaginário já criado do que conhecemos como "história da arte" ou história dos ornamentos. E atualizam esses tempos, criando novos personagens...

**JG:** Sim, eu acho que tanto os meus quanto os da Marina habitam o mundo terreno, mas parecem vir de outros tempos.

**APC:** E de outros tempos reconhecíveis, porque vocês lidam com um imaginário já criado e materializado em algum momento... São parte de uma certa história da arte ou do design, são colecionados, estudados... Eu, como público, quando me relaciono com os trabalhos, acesso um repertório que reconheço, mesmo que não identifique imediatamente qual é.

Julia, os teus trabalhos para essa exposição já têm título?

**JG:** Tem. O recorte de papel chama “Abertura láctea” e o do peixe chama “Trabalho de feira”. Esses recortes de papel simétricos são todos da série *Aberta* e cada um tem um título que começa com a palavra “Abertura”.

**APC:** E como você pensa a relação entre a personagem que está no espaço com a sombra duplicada e aumentada na parede e a que está pendurada como uma pintura ou desenho bidimensional?

**JG:** Os trabalhos de papel surgiram como uma forma de descobrir novas anatomias. Os desenhos de carvão começaram a me cansar e eu sentia que estava me repetindo nos corpos. Então comecei a fazer esse exercício de dobrar o papel, recortar uma forma e descobrir algo novo no interior. Assim tenho menos controle e mais surpresas em relação a esses corpos. O café veio porque o recorte no papel branco me pareceu muito chapado e eu senti a necessidade de volume. Eu derramei café neles, inicialmente sem querer, mas depois a textura me lembrou um tipo de couro e eu comecei a usar... Nesse processo, vieram os “micro cortes”, que remetem à água, e surgiram imagens muito ligadas a líquidos e fluidos. São como uma metamorfose.

Eu tenho pensado que esses corpos exigem tipos diferentes de existência. Para mim o papel lembra algo mais físico – tipo um couro, uma pipa. Os outros personagens vem do mesmo universo, mas talvez estejam em outro plano... Tudo isso vai coexistir: os desenhos de carvão, de papel e a sombra. Como se um mesmo ser pudesse ter vários tipos de existência.

**APC:** Talvez os trabalhos da Julia tragam mais o “Ato” do que os da Marina, nesta exposição. Como se os personagens da Julia, o “peixe” e a “mulher láctea”, estivessem em movimento, e os da Marina criassem um espaço para a cena toda acontecer. Os ursos, por exemplo, criam um tapete, não ganham vida como no trabalho “Animais no jardim”.

Tem algo nos trabalhos da Marina que parecem constituir uma especialidade, como se dessa vez ela deixasse a cena para os personagens da Julia atuarem...

Especialmente o arco, vertical, que tem o tamanho da vitrine (traz contorno e enquadramento para a exposição quando vista de fora) e o de urso, horizontal, no chão, cria outra temperatura e acolhimento para o ambiente.

Como vocês pensaram essa colaboração? Os trabalhos já foram feitos (ou escolhidos) sabendo que iriam estar ali juntos?

**JG:** Pensamos tudo ao mesmo tempo. A Marina já tinha algumas ideias que faziam sentido para esse momento e ela levou adiante. Eu tinha uns trabalhos “semi-prontos” – fiz uma versão nova da “mulher láctea” que me pareceu melhor para o espaço. Não lembro exatamente como se deu a escolha. Eu queria mostrar algo com as sombras e a Marina falou que poderíamos apagar a luz..

**MW:** Pensamos nos trabalhos que tinham a ver com o espaço, eu trouxe essa vontade de fazer um trabalho de chão...

**JG:** Eu acho que isso é outra semelhança nossa no jeito de trabalhar. É tudo muito no físico. “Vamos ver no espaço”. E pronto.



**1. Marina Woisky**

“Ornamentos”, 2022

Impressão em sublimação sobre tecido, costura, resina e enchimento em gesso.

64 x variável x 1.5 cm

Díptico

**2. Julia Gallo**

“Abertura láctea”, 2022

Nanquim e café sobre papel recortado

50 x 71 cm

**3. Marina Woisky**

“O lendário casaco com botões de urso”, 2022

Impressão em sublimação sobre tecido, costura, látex, resina e pelúcia

150 x 150 x 2 cm

**4. Julia Gallo**

“Trabalho de Feira”, 2021-2022

Óleo, guache, tecido, gesso, cola, café, arame, fio e lâmpada LED 3W

69 x 80 cm

**5. Marina Woisky**

“Arco”, 2022

Impressão em sublimação sobre tecido, costura, resina, enchimento em manta acrílica

200 x 300 x 6 cm

